

O INCONSCIENTE É A VERDADEIRA REALIDADE PSÍQUICA

SIGMUND FREUD (1856–1939)



EM CONTEXTO

ORIENTAÇÃO

Psicanálise

ANTES

2500-600 a. C. Nos *Vedas* hindus, descreve-se a consciência como «um campo de consciência abstrato, silencioso e totalmente unificado».

1567 O médico suíço Paracelso oferece a primeira descrição médica do inconsciente.

Década de 1880

O neurologista francês Jean-Martin Charcot utiliza a hipnose para tratar a histeria e outras anomalias mentais.

DEPOIS

1913 John B. Watson apelida as ideias de Freud sobre o inconsciente como acientíficas e indemonstráveis.

1944 Carl Jung afirma que a presença de arquétipos universais demonstra a existência do inconsciente.

com uma atividade psíquica demasiado poderosa, terrível ou incompreensível para que a mente consciente a pudesse assimilar. O trabalho de Freud sobre este assunto foi absolutamente pioneiro. Distinguiu três áreas da mente – consciente, inconsciente e pré-consciente – e popularizou a noção do inconsciente, que descreveu como aquela parte da mente que define e explica os mecanismos que se encontram por trás da nossa capacidade de pensar e experimentar.

Hipnose e histeria

Freud entrou em contacto com o problema do inconsciente em 1885, por intermédio do neurologista francês Jean-Martin Charcot, que, ao que parece, estava a tratar com sucesso pacientes com sintomas de doenças mentais por meio da hipnose. Para Charcot, a histeria era uma desordem neurológica provocada por anomalias no sistema nervoso, uma ideia que trazia novas possibilidades de tratamento. Freud regressou a Viena decidido a aplicar este novo conhecimento, mas era-lhe difícil descobrir uma técnica funcional.

Então encontrou-se com Josef Breuer, um prestigiado médico que ele considerava capaz de reduzir consideravelmente a gravidade dos sintomas de uma das suas pacientes, pedindo-lhe apenas que descrevesse as suas fantasias e alucinações. Breuer começou a utilizar a hipnose para lhe facilitar o acesso às recordações de um acontecimento traumático e depois de uma temporada com duas sessões de hipnose por semana, todos os seus sintomas diminuíram. Breuer concluiu que os sintomas tinham sido provocados por recordações perturbadoras enterradas no inconsciente e que o facto de dar voz àqueles pensamentos trazia-os à mente consciente, permitindo



Anna O. (pseudónimo de Bertha Pappenheim), a quem foram diagnosticadas paralisia e histeria, foi tratada com sucesso pelo médico Josef Breuer, que utilizou o que ela descreveu como «cura pela fala».

que os sintomas desaparecessem. Esse foi o caso de Anna O., o primeiro de psicoterapia intensiva aplicada como tratamento da doença mental. Breuer transformou-se no colega e amigo íntimo de Freud e juntos desenvolveram e popularizaram um método de tratamento psicológico que se baseava na ideia de que muitas formas de doença mental (medos irracionais, ansiedade, histeria, paralisia e dores imaginárias e inclusive certos casos de paranoia) resultavam das experiências traumáticas do passado do doente, presentemente ocultas da consciência. Com a técnica esboçada em *Estudos sobre a Histeria* (1895), obra conjunta de Freud e de Breuer, estes acreditavam ter encontrado um modo de libertar a memória reprimida do inconsciente, permitindo ao paciente recordá-la de forma consciente, de modo a enfrentar a experiência, tanto emocional como intelectualmente. O processo libertava a emoção presa e os sintomas desapareciam. Breuer, não obstante, chegou a considerar

O inconsciente é um dos conceitos mais intrigantes da psicologia. Parece conter toda a nossa experiência da realidade, apesar de parecer estar mais além da nossa consciência ou do nosso controlo. É o local onde guardamos todas as nossas recordações, pensamentos e sentimentos. O mundo do inconsciente fascinou o psiquiatra e neurologista austriaco Sigmund Freud, interessado em averiguar se era possível explicar coisas que pareciam estar mais além dos limites da psicologia do seu tempo. Aqueles que já tinham abordado o exame do inconsciente temiam deparar-se

Ver também: Johann Friedrich Herbart 24–25 • Jean-Martin Charcot 30 • Carl Jung 102–07 • Melanie Klein 108–09 • Anna Freud 111 • Jacques Lacan 122–23 • Paul Watzlawick 149 • Aaron Beck 174–75 • Elizabeth Loftus 202–07

excessiva a ênfase que Freud dava à origem e ao conteúdo sexual das neuroses (problemas provocados por conflitos psicológicos) e assim deixaram de colaborar. Freud continuou a desenvolver as ideias e técnicas da psicanálise por sua conta.

A nossa mente quotidiana

Não é difícil presumir a realidade do consciente e acreditar ingenuamente no que pensamos, sentimos, recordamos e experimentamos em tudo o que há na mente humana. Contudo, Freud defende que o estado ativo da consciência – a mente operativa da que somos diretamente conscientes na experiência quotidiana – não é mais do que uma fração da totalidade de forças psicológicas que operam na nossa realidade psíquica. O consciente existe no nível superficial, ao qual temos

acesso imediato e fácil. Sob o consciente encontra-se a poderosa dimensão do inconsciente, o fundo a partir do qual se dita o nosso estado cognitivo ativo e o nosso comportamento. O consciente é, de facto, um brinquedo nas mãos do inconsciente. A mente consciente é apenas a superfície do complexo reino da psique.

Dado que o inconsciente abarca tudo, como afirma Sigmund Freud, contém em si as esferas menores do consciente e do pré-consciente. Tudo o que é consciente – aquilo que não conhecemos ativamente – foi inconsciente antes de ascender à consciência. Contudo, nem tudo chega a conhecer-se de forma consciente, dado que grande parte do inconsciente permanece ali. As recordações que não estão na nossa memória funcional quotidiana, mas que não foram reprimidas, residem

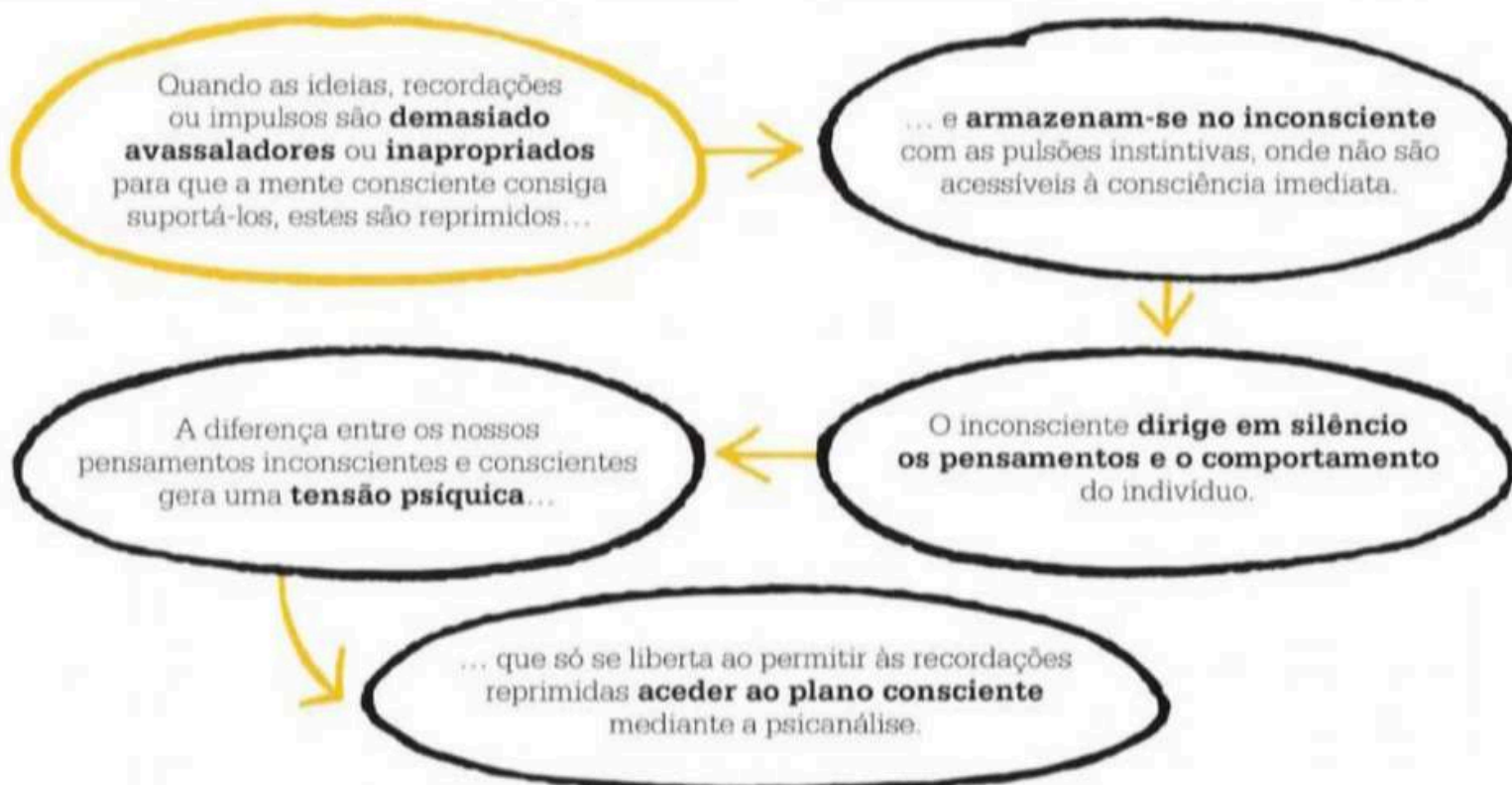
“

Os poetas e os filósofos descobriram o inconsciente antes de mim; o que eu descobri foi o método científico mediante o qual este se pode estudar.

Sigmund Freud

”

numa parte da mente consciente a que Freud deu o nome de «pré-consciente»; somos capazes de trazer estas recordações à consciência em qualquer momento.



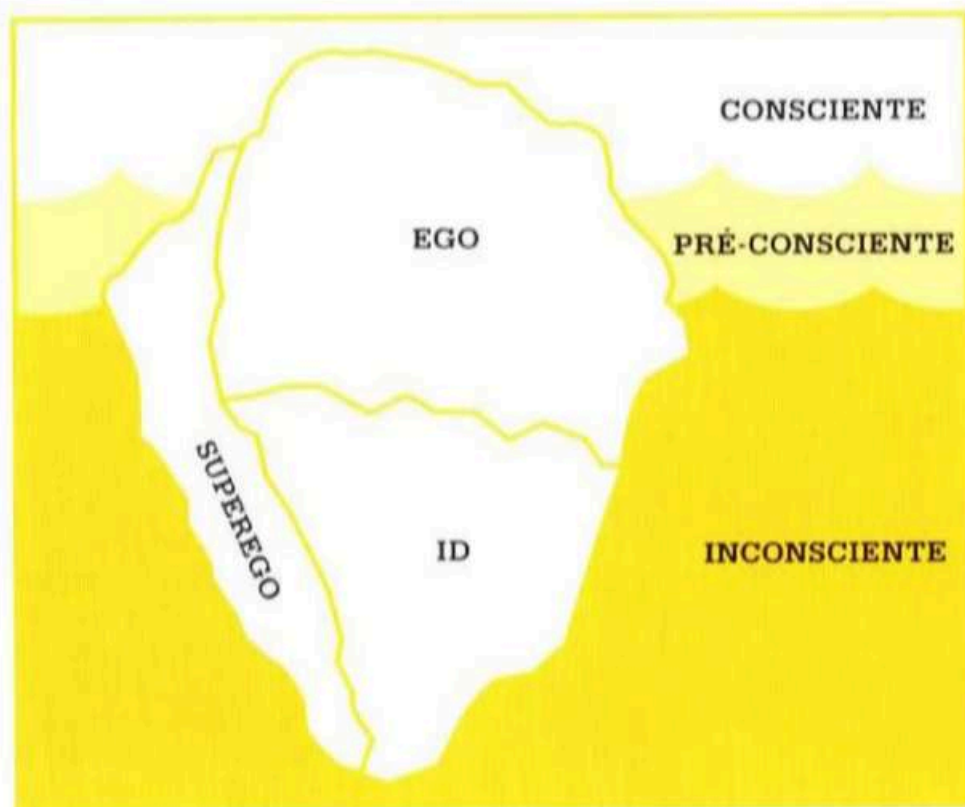
“

A mente é como um icebergue; só uma sétima parte da sua massa sobressai da água.

Sigmund Freud

”

A nossa psique, segundo Freud, parece-se com um icebergue, com o âmbito dos impulsos primitivos, o ego, oculto no inconsciente. O eu ocupa-se dos pensamentos conscientes e regula tanto o ego como o superego (a voz crítica que nos julga).



O inconsciente funciona como um recetáculo para as ideias ou as recordações demasiado poderosas, demasiado dolorosas ou, de alguma forma, excessivas para que a mente consciente possa processá-las. Freud acreditava que quando certas ideias ou recordações (e as emoções a elas associadas) ameaçam sufocar a mente, são afastadas da memória acessível para a mente consciente e ficam guardadas no inconsciente.

Pensamento dinâmico

Uma das principais influências recebidas por Freud foi a do fisiólogo Ernst Brücke, um dos fundadores da «nova fisiologia» do século XIX, que procurava explicações mecanicistas para todos os fenómenos orgânicos. Brücke afirmava que, como qualquer outro ser vivo, o ser humano é, em essência, um sistema energético, e, por isso, deve ater-se ao princípio da conservação da energia. Tal princípio estabelece que a energia total

de um sistema permanece constante ao longo do tempo, não se pode destruir, só se pode transferir ou transformar. Freud aplicou este planeamento aos processos mentais e propôs a ideia «da energia psíquica». Esta energia, afirmou, pode sofrer modificações, transmissões e conversões, mas não se pode destruir. Assim, se temos algum pensamento inaceitável para a mente consciente, a mente redirige-o e afasta-o do pensamento consciente para o conduzir até ao inconsciente, num processo a que Freud chamou «repressão». Podemos reprimir a recordação de um trauma infantil, um desejo que julgamos inaceitável ou ideias que, de algum modo, ameaçam o nosso bem-estar ou o nosso modo de vida.

Pulsões motivadoras

O inconsciente é também o local onde residem as nossas pulsões biológicas instintivas. As referidas

pulsões governam os nossos atos e comportamento, dirigindo-nos para opções que prometem satisfazer as nossas necessidades básicas e favorecer a nossa sobrevivência. São a necessidade de água e alimento, o desejo sexual, que garante a continuidade da espécie, e a necessidade de calor, refúgio e companhia. Mas Freud sustém que o inconsciente aloja também uma pulsão oposta, a da morte, que se torna presente desde o nascimento. É uma pulsão autodestrutiva e que nos impele para a frente, ainda que com isso nos aproximemos da morte.

Nas suas obras posteriores, Freud deixou de lado a ideia de uma mente estruturada pela consciência, o inconsciente e a pré-consciência e propôs uma nova estrutura em que distinguia o ego, o id e o superego. O id (constituído pelas pulsões primitivas), obedece ao princípio do prazer, segundo o qual qualquer pulsão de desejo deve ser satisfeita de ime-

diato: quer tudo já. Contudo, a outra parte da estrutura mental, o ego, reconhece o princípio da realidade, segundo o qual não podemos ter tudo o que desejamos e devemos ter em conta as limitações do mundo em que vivemos. O ego negocia com o id, procurando encontrar formas razoáveis de o ajudar a obter o que deseja sem que isso produza qualquer prejuízo. O ego, por sua vez, está controlado pelo superego: a voz interiorizada dos pais e dos códigos morais da sociedade. O superego é uma instância que julga, é a origem da consciência, da culpa e da vergonha.

O certo, defende Freud, é que o inconsciente aloja um enorme número de forças em conflito. Além das pulsões da vida e da morte, compreende todas as emoções e recordações reprimidas, assim como as contradições inerentes às nossas percepções da realidade consciente juntamente com a nossa realidade reprimida. Segundo Freud, o conflito que surge entre estas forças opostas é o conflito psicológico que subjaz ao sofrimento humano. Devemos, pois, estranhar que os seres huma-

nos vivam em estado de ansiedade, depressão, neurose e outras formas de mal-estar?

Tratamento psicanalítico

Dado que o inconsciente se revela inacessível, a única forma de reconhecer aqueles conflitos é através dos sintomas presentes no plano do consciente. Não podemos lutar continuamente contra nós mesmos, contra os materiais reprimidos que se erguem e contra a pulsão de morte sem perturbação emocional.

A singular proposta de Sigmund Freud para tratar os transtornos psicológicos consistia em trabalhar com os conflitos que se encontram no inconsciente. Encorajava os pacientes a deitar-se num divã e a falar, e pretendia assim libertá-los das suas recordações reprimidas e aliviar o seu sofrimento mental. O seu tratamento, conhecido como psicoterapia psicanalítica ou psicanálise, não é um processo simples nem rápido: é apenas feito por terapeutas formados no método específico de Sigmund Freud. Desde os primeiros tratamentos do próprio Freud, a psicanálise tem-se

“

Não deve esforçar-se por eliminar os seus complexos, mas sim harmonizar-se com eles, pois são eles que legitimamente dirigem o seu comportamento no mundo.

Sigmund Freud

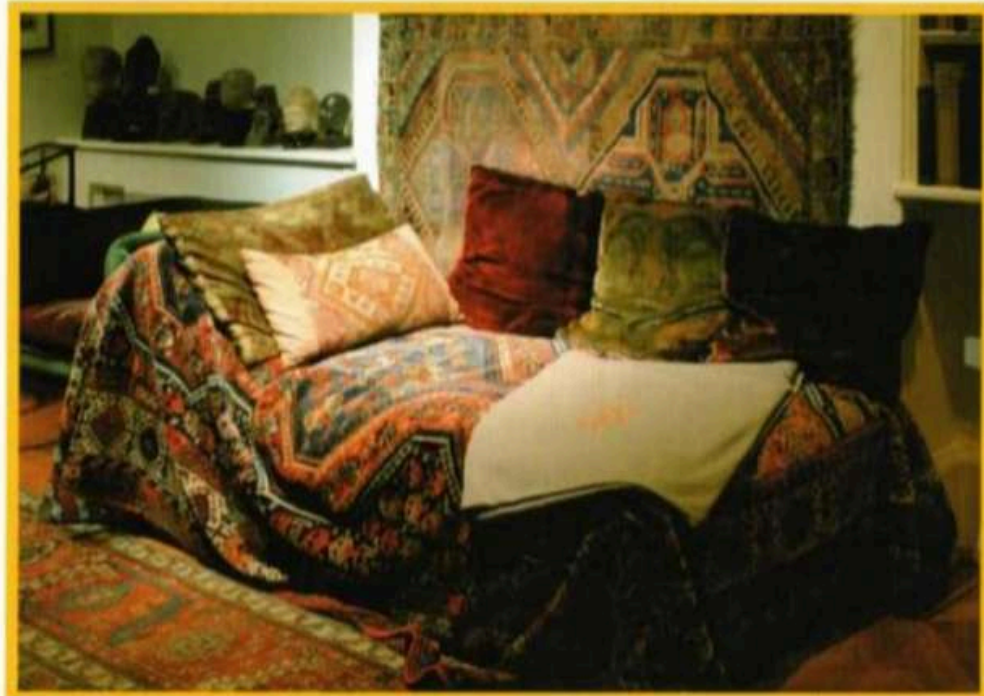
”

praticado em sessões que podem durar horas, que ocorrem várias vezes por semana e que se prolongam por vários anos.

Se bem que os pensamentos inconscientes sejam inacessíveis por meio da introspeção normal, há alguns meios pelos quais o inconsciente pode comunicar com o consciente. Fê-lo discretamente através das nossas preferências, dos marcos de referência pelos quais tendemos a compreender as coisas, e dos símbolos que nos atraem ou que criamos.

Durante a análise, o analista atua como mediador, procurando permitir que sejam libertos pensamentos insuportáveis ou pensamentos não expressos. As mensagens que surgem de um conflito entre o consciente e o inconsciente costumam apresentar-se disfarçadas ou codificadas, e é tarefa do psicanalista interpretá-las com as ferramentas da psicanálise.

Os pacientes de Freud deitavam-se no divã da sua consulta e falavam. Freud sentava-se fora da vista do paciente, e ouvia-o, à procura de pistas sobre a fonte dos seus conflitos internos.



Existem diversas técnicas que permitem que o inconsciente emerja, e uma das primeiras que Freud propôs foi a análise dos sonhos. Na sua célebre obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), defende que todos os sonhos representam o cumprimento de um desejo, e assim, quanto mais inaceitável é este desejo para a nossa mente consciente, mais oculto ou distorcido aparece nos nossos sonhos. O inconsciente, portanto, envia mensagens cifradas à nossa mente consciente. Freud fala, por exemplo, dos sonhos de quem sonha que está despido; na maioria das pessoas, a fonte principal destes sonhos são recordações da primeira

infância, quando a nudez não era motivo de reprovação e não se tinha o sentido de vergonha. Nos sonhos em que o sonhador sente vergonha, as outras pessoas no sonho costumam parecer-lhe alheias, o qual, na chave da interpretação da satisfação de um desejo, significaria que o sonhador quer deixar para trás a vergonha e as restrições. Inclusive, os edifícios e as estruturas têm um significado codificado; assim, por exemplo, os vãos de escada, os poços de mina, as portas fechadas ou um edifício pequeno num local estreito e escondido representam todos desejos sexuais reprimidos, segundo Freud.

O acesso ao inconsciente

Outros meios mediante os quais se revela o inconsciente são os lapsos e o processo de associação livre. Um *lapsus linguae* é um erro ou um desliz verbal e considera-se que revela uma crença, um pensamento ou uma

“A interpretação dos sonhos é o caminho real em direção ao conhecimento da atividade inconsciente da mente.

Sigmund Freud

emoção reprimidos; é uma substituição involuntária de uma palavra por outra de som semelhante; mas que revela inadvertidamente algo que a pessoa sente na realidade. Por exemplo, um homem agradece a uma mulher que acha muito atraente pelo «jantar tão bom que o satisfez», des-

A Persistência da Memória, de Salvador Dalí, é uma visão surrealista do passar do tempo, que conduz à deterioração e à morte. A sua qualidade onírica mantém relação com a análise freudiana dos sonhos.



lize que revela os seus verdadeiros pensamentos. Freud utilizou também a técnica da associação livre, desenvolvida por Carl Jung, que consiste em dar ao paciente uma palavra e convidá-lo a dizer a primeira palavra que lhe ocorra, e assim com várias palavras. Acreditava que este processo permitia ao inconsciente revelar-se, já que a nossa mente faz associações automáticas e os pensamentos «ocultos» expressam-se antes que a mente consciente tenha oportunidade de intervir.

Para ajudar o indivíduo a sair do estado de repressão e começar a tratar de forma consciente as questões que o afetam, Freud acreditava ser necessário aceder aos sentimentos reprimidos. Por exemplo, se a um homem lhe custa enfrentar as outras pessoas, reprimirá os seus sentimentos antes de enfrentar alguém. Mas, com o tempo, estas emoções reprimidas acumulam-se e revelam-se de outras formas. A ira, a ansiedade, a depressão, o abuso das drogas ou do álcool ou as desordens alimentares podem ser consequências do esforço para evitar sentimentos reprimidos em vez de terem sido enfrentados. As emoções que não são processadas, defende Freud, ameaçam constantemente vir à superfície, gerando uma tensão cada vez mais incômoda e suscitando medidas cada vez mais extremas para impedir que emirjam.

A análise permite fazer emergir as recordações e os sentimentos presos e o paciente costuma surpreender-se ao sentir a emoção até então enterrada. Não é raro os pacientes desatarem a chorar por algum tema que achavam ter superado há muito tempo. Esta resposta demonstra que o acontecimento e a emoção continuam vivos – continuam a conservar a sua energia emocional – e que, em vez de terem sido enfrentados, foram reprimidos.

Em termos freudianos, o ato de libertar e sentir as emoções profundas associadas a recordações reprimidas denomina-se «catarse» (do termo grego «purificação»). Se o acontecimento em questão – como a morte do pai ou da mãe – não foi plenamente assimilado na altura certa, por ser demasiado perturbador, a energia emocional produzida pelo acontecimento permanece enterrada e liberta-se no momento da catarse.

Escolas de psicanálise

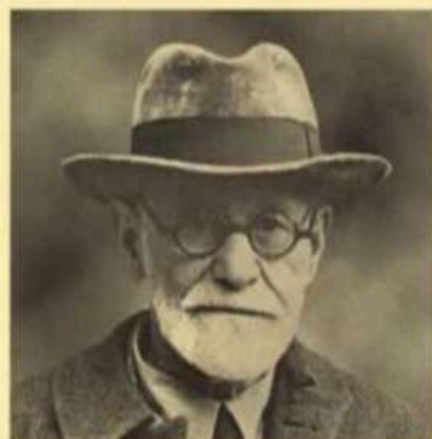
Em 1908, Freud fundou a Associação Psicanalítica de Viena, a partir da qual exerceu uma poderosa influência no âmbito da saúde mental, ensinando os seus métodos a outros especialistas, entre os quais chegou a ser uma verdadeira autoridade. Com o tempo, os seus alunos e outros profissionais modificaram as suas ideias, e a sociedade freudiana dividiu-se em três grupos: os freudianos (os que continuaram fiéis às ideias originais de Freud), os kleinianos (seguidores das ideias de Melanie Klein) e os neofreudianos (um grupo posterior que incorporou as ideias de Freud num enfoque mais amplo). O panorama da psicanálise abarca hoje pelo menos 22 escolas diferentes, mas as ideias de Freud continuam a inspirar todos os psicanalistas. ■

“

Tal como o físico, o psíquico não é necessariamente o que parece.

Sigmund Freud

”



Sigmund Freud

Nascido Sigismund Schlomo Freud em Freiberg (atual Příbor), na Morávia, Freud era o filho favorito da mãe. Quando tinha quatro anos, a família mudou-se para Viena, e Sigismund transformou-se em Sigmund. Licenciou-se em medicina, e em 1886 abriu um consultório especializado em neurologia e casou-se com Martha Bernays. Com o tempo, Freud desenvolveu a chamada «cura pela fala», que se tornaria numa abordagem psicológica completamente nova: a psicanálise.

Em 1908, fundou a Associação Psicanalítica de Viena, graças à qual consolidou o futuro da sua escola de pensamento. Na década de 1930, os nazis queimaram publicamente a sua obra e Freud refugiou-se em Londres. Morreu por suicídio assistido, atormentado por um cancro na boca.

Principais obras

1900 *A Interpretação dos Sonhos*

1904 *Psicopatologia da Vida Quotidiana*

1905 *Três Ensaios para Uma Teoria Sexual*

1930 *O Mal-Estar na Cultura*



O INCONSCIENTE COLETIVO É COMPOSTO POR ARQUÉTIPOS

CARL JUNG (1875–1961)

EM CONTEXTO

ORIENTAÇÃO
Psicanálise

ANTES

1900 Sigmund Freud explora a natureza do inconsciente e o simbolismo dos sonhos na sua obra *A Interpretação dos Sonhos*.

1903 Pierre Janet defende que as vivências traumáticas influenciam o comportamento e as emoções do indivíduo durante muitos anos.

DEPOIS

1949 O estudioso jungiano Joseph Campbell publica *O Herói das Mil Caras*, no qual recolhe temas arquétipos da literatura de diferentes culturas ao longo da história.

1969 O psicólogo britânico John Bowlby afirma que o instinto humano se expressa em padrões de pensamento e ação no tratamento social.

Os mitos e os símbolos são consideravelmente similares em culturas de todo o mundo e de todos os tempos.

Portanto, devem ser resultado do **conhecimento e das experiências que partilhamos** como espécie.

A **memória** desta experiência partilhada encontra-se...

... no **inconsciente coletivo** que é parte de todas e de cada uma das pessoas.

... em forma de **arquétipos**, símbolos que servem como formas organizadoras dos padrões de comportamento.

Todos nascemos com a tendência inata para utilizar esses arquétipos para **compreender o mundo**.

Sigmund Freud introduziu a ideia de que, mais do que forças exteriores a nós mesmos, como Deus e o destino, são os mecanismos da nossa própria mente, em particular o inconsciente, os que nos motivam e controlam. Segundo Freud, as nossas experiências veem-se influenciadas pelos impulsos primários contidos no inconsciente. O seu protegido, o psiquiatra suíço Carl Jung, levou esta ideia mais além, aprofundando os elementos que conformam o inconsciente e os seus mecanismos.

Jung sentia-se fascinado pelo facto de as sociedades de todo o mundo

partilharem certas semelhanças, pese embora tratar-se de culturas muito diferentes. Em particular, dão-se correspondências surpreendentes entre mitos e símbolos, e isto ocorre há milhares de anos. Jung pensou que isto tinha de se dever a algo que ia além da experiência humana individual e que os símbolos deviam fazer parte da mente humana.

Para Jung, a existência de mitos partilhados demonstrava que parte da mente humana acolhe ideias contidas numa estrutura atemporal que funciona como uma espécie de «memória coletiva». Jung introduziu assim a ideia de que em cada um de nós

há uma parte definida e separada do inconsciente que não se baseia nas nossas experiências individuais: o «inconsciente coletivo».

Os mitos e símbolos comuns são parte desse inconsciente coletivo universalmente partilhado, segundo Jung, que acreditava que os símbolos existem como recordações hereditárias que se transmitem de geração em geração, variando apenas ligeiramente nos seus atributos através das diversas épocas e culturas. Tais recordações herdadas emergem na psique na linguagem dos símbolos, aos quais Jung chamou «arquétipos».

Ver também: Pierre Janet 54–55 • Sigmund Freud 92–99 • Jacques Lacan 122–23 • Steven Pinker 211

“

O inconsciente pessoal repousa sobre uma capa mais profunda (...) a que chamo inconsciente coletivo.

Carl Jung

”

Recordações antigas

Jung considerava os arquétipos camadas da memória herdada, as quais constituem a experiência humana na sua totalidade. O termo grego *archetypon* é traduzido como «modelo original», e para Jung os arquétipos são recordações das experiências dos nossos primeiros antepassados. Dentro da mente servem como quadro que utilizamos inconscientemente para organizar e compreender a nossa experiência. Podemos preencher os vazios com pormenores da nossa vida, mas é esta subestrutura preexistente no inconsciente que nos permite dar sentido à nossa experiência.

Os arquétipos podem ser considerados padrões emocionais ou comportamentais herdados, que nos permitem reconhecer uma série de comportamentos ou expressões emocionais como um padrão unificado e com sentido. Poderia parecer que fazemos isto de forma instintiva, mas Jung defende que o que parece instinto é na realidade a utilização inconsciente de arquétipos.

Jung propôs o modelo de uma psique formada por três componentes: o eu, o inconsciente pessoal e o in-

consciente coletivo. O ego representa a mente consciente individual, enquanto o inconsciente pessoal contém os recursos próprios do indivíduo, incluindo os que foram suprimidos; e o inconsciente coletivo é a parte da psique que alberga os arquétipos.

Os arquétipos

Há muitos arquétipos, e ainda que possam moldar-se de forma distinta nas diferentes culturas, em cada um de nós encontra-se o modelo de cada um deles. Como utilizamos estas formas para dar sentido ao mundo e às nossas experiências, aparecem em todas as formas de expressão humana, tais como a arte, a literatura e o teatro.

A natureza dos arquétipos é tal que os reconhecemos de imediato e somos capazes de lhes atribuir um significado emocional específico. Podem ser associados a padrões emocionais e comportamentais de muitos tipos, mas há certos arquétipos que se destacam e são especialmente reconhecíveis, como o Velho Sábio, a Deidade Feminina, a Virgem, a Terra-Mãe e o Herói.

A Persona é um dos arquétipos mais relevantes descritos por Jung, que descobriu em si mesma a tendência para partilhar apenas certa parte da sua personalidade com o mundo exterior. Reconheceu este traço noutros indivíduos e concluiu que os seres humanos dividem a sua personalidade em componentes que se partilham seletivamente em função do ambiente e da situação. O eu que apresentamos ao mundo – a nossa imagem pública – é um arquétipo, ao qual Jung chamou «Persona».

Jung considerava que o eu estava dotado de uma parte masculina e de outra feminina e que se formava plenamente como masculino ou fe-

minino devido tanto à biologia como à sociedade. Ao tornar-se plenamente masculino ou feminino, o eu vira as costas à metade do seu potencial, se bem que pode aceder ainda a essa parte de si mesmo através de um arquétipo. O Animus existe como componente masculino da personalidade feminina, e a Anima como componente feminino da psique masculina. Trata-se da «outra metade», a metade de si mesmo que perde o eu ao converter-se em menina ou menino. Estes arquétipos ajudam-nos a compreender a natureza do sexo oposto e como constituem depósito de todas as impressões deixadas alguma vez por um homem ou mulher, refletem necessariamente as ideias tradicionais do masculino e do feminino.

O Animus simboliza na nossa cultura o «macho», o homem musculoso, o líder militar, a mente lógica e fria,



A Eva é uma representação da Anima, a parte feminina do inconsciente do homem. Jung descreve-a como «cheia de armadilhas, postas para que o homem caia (...) e a vida se viva».

“

As ideias mais potentes
da história remontam
aos arquétipos.

Carl Jung

”

o romântico sedutor. A Anima manifesta-se como a ninfa dos bosques, a virgem, a sedutora, tende a ser natural, intuitiva, espontânea, e na literatura e pintura aparece como Eva, Helena de Troia ou com uma personalidade como a de Marilyn Monroe, que enfeitiça os homens e os despoja da sua vitalidade. Como estes arquétipos existem no nosso inconsciente, podem afetar os nossos estados emocionais e reações e manifestar-se na forma de afirmações proféticas (Anima) ou de uma racionalidade inflexível (Animus).

Jung definiu também um arquétipo que corresponde à parte de nós mesmos que não queremos que o mundo veja: a Sombra, arquétipo oposto à Persona, que representa todos os nossos pensamentos secretos ou reprimidos e os aspetos do nosso caráter de que nos envergonhamos. Aparece na Bíblia como o demônio e, na literatura, por exemplo, como Mr. Hyde. A Sombra é o lado «mau» de nós mesmos que projetamos sobre os demais e, contudo, não é inteiramente negativo, pode representar aspetos que decidimos suprimir apenas porque são inaceitáveis numa situação em particular.

De todos os arquétipos, o mais importante é o Si Mesmo. Trata-se de um arquétipo central, organizador, que procura harmonizar todos os demais aspetos num eu completo e unificado. Segundo Jung, a verdadeira meta da existência humana é alcançar um estado de ser psicologicamente avançado, que se denomina «individualização» e o caminho para ser alcançado radica no arquétipo Si Mesmo. Plenamente realizado, este arquétipo é a fonte de sabedoria e da verdade e é capaz

de ligar o eu com o espiritual. Jung insistiu em que a autorrealização não ocorre de forma automática, mas que deve ser procurada conscientemente.

Arquétipos nos sonhos

Os arquétipos têm uma importância considerável na interpretação dos sonhos. Jung considerava-os um diálogo entre o eu consciente e o eu eterno (entre o eu e o inconsciente coletivo) e acreditava que os arquétipos operam no sonho como símbolos que facilitam o diálogo.

Os arquétipos têm significados específicos no contexto dos sonhos. Por exemplo, o arquétipo do Velho Sábio ou da Velha Sábia pode representar no sonho um líder espiritual, um pai, um professor ou um médico, como aqueles que oferecem aconselhamento, orientação e sabedoria. A Terra-Mãe, arquétipo que pode aparecer como a mãe, a avó com quem se sonha, representa quem cria e nutre e traz segurança, conforto e apoio. A criança divina, arquétipo que representa a forma mais pura do Si Mesmo, simboliza a inocência ou a vulnerabilidade e, nos sonhos, aparece como um bebê ou uma criança, sugerindo a abertura e o potencial. E no caso em que o eu se torna demasiado grande, mantém-se na linha a aparição do *Trickster*, arquétipo travesso que expõe a vulnerabilidade do que sonha e que prega partidas, impedindo que se leve a si mesmo demasiado a sério. O *Trickster* aparece também como o semideus nórdico Loki, o deus grego Pan e o deus-aranha africano Anansi ou como um simples ilusionista ou palhaço.

No famoso romance de Robert Louis Stevenson, o doutor Jekyll transforma-se no malvado Mr. Hyde, que encarna o «eu obscuro», o arquétipo junguiano da Sombra.





A utilização dos arquétipos

Os arquétipos existem na nossa mente antes do pensamento consciente e podem ter, portanto, uma enorme influência na nossa percepção da experiência. Seja o que for que, conscientemente, pensemos que está a acontecer, aquilo que escolhemos perceber – e por isso experimentamos – é determinado (governado) por estas ideias pré-formadas que existem no inconsciente. Assim, o inconsciente coletivo e os seus conteúdos afetam o estado consciente.

“

Ao compreender o inconsciente, libertamo-nos do seu domínio.

Carl Jung

”

Com ligeiras variações, o conto da Branca de Neve é conhecido por todo o mundo. Jung atribuiu a popularidade universal dos contos de fadas e dos mitos à utilização de personagens arquétipos.

Segundo Jung, grande parte do que costumamos atribuir ao pensamento deliberado, racional e consciente está realmente guiada pela atividade inconsciente e, em particular, pelas formas organizadoras dos arquétipos.

Além das suas ideias sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos, Jung foi o primeiro a estudar a prática da associação de palavras e também introduziu os conceitos de extroversão e introversão que mais tarde inspiraram testes de personalidade amplamente utilizados como tais, como o indicador de personalidade Myers-Briggs (MBTI). A obra de Jung influenciou de forma notável as áreas da psicologia, da antropologia e da espiritualidade e os seus arquétipos estão tão generalizados que podem ser facilmente identificados no cinema, na literatura e noutras manifestações culturais que representam figuras universais. ■



Carl Jung

Carl Gustav Jung nasceu numa pequena aldeia suíça no seio de uma família tão culta como excêntrica. Cresceu muito unido à mãe, propensa a depressões. Grande linguista, dominou muitas línguas europeias e várias antigas, entre elas o sânscrito. Em 1903, contraiu matrimónio com Emma Rauschenbach, com quem teve cinco filhos.

Formou-se como psiquiatra, mas depois de conhecer Sigmund Freud, em 1907, tornou-se psicanalista. Parecia dotado para suceder ao mestre, mas certas diferenças teóricas distanciaram-nos, e deixaram de se dar. Depois da I Guerra Mundial, Jung viajou por África, América e Índia e participou em expedições antropológicas e arqueológicas. Em 1935, tornou-se professor na Universidade de Zurique, mas decidiu abandonar a docência a fim de se centrar na investigação.

Principais obras

1912 *Symbols of Transformation*
1934 *Arquétipos e o inconsciente colectivo*
1945 *On the Nature of Dreams*



O HOMEM É ALGO A SER SUPERADO

FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900)



EM CONTEXTO

ÁREA
Ética

ABORDAGEM
Existencialismo

ANTES

380 a.C. Platão explora a distinção entre realidade e aparência no diálogo *A república*.

Século I d.C. O Sermão da Montanha, no Evangelho de Mateus, prega o afastamento desse mundo para a realidade maior do mundo por vir.

1781 Em *Crítica da razão pura*, Immanuel Kant argumenta que nunca podemos saber como o mundo é "em si".

DEPOIS

1930 A obra de Nietzsche é utilizada para auxiliar a construção da mitologia do nazismo.

1966 *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, discute a superação do "homem".



A ideia de Nietzsche de que o homem é algo a ser superado aparece em *Assim falou Zaratustra*, talvez sua obra mais famosa. Foi escrito em três partes, entre 1883 e 1884, com uma quarta parte acrescentada em 1885. O filósofo alemão usou-a para lançar um ataque sistemático contra a história do pensamento ocidental. Ele mirava três ideias ligadas, em particular: primeiro, a ideia que temos de "homem" ou natureza humana; segundo, a que temos de Deus; e terceiro, a que temos sobre moralidade, ou ética.

Em outra obra, Nietzsche escreveu sobre filosofar "com um martelo" e, aqui, ele certamente tentou estilhaçar muitas das visões mais estimadas da tradição filosófica ocidental, especialmente em relação àqueles três temas. Ele o fez num estilo impetuoso e febril, de modo que às vezes a obra parece mais próxima da profecia do que da filosofia. Foi escrita rapidamente, com a Parte I tomando-lhe apenas alguns dias para ser posta no papel. Ainda assim, embora a obra de Nietzsche não tenha o tom sereno e analítico comum a obras filosóficas, o autor

conseguiu expor uma visão extraordinariamente desafiadora e consistente.

Zaratustra desce

O nome do profeta de Nietzsche, Zaratustra, é a denominação alternativa do antigo profeta persa Zoroastro. A obra começa contando-nos que, aos trinta anos, Zaratustra vai viver nas montanhas. Durante dez anos deleita-se na solidão, mas certa manhã acorda para descobrir que está cansado da sabedoria que acumulou. Então, decide descer ao mercado para compartilhar sua

Ver também: Platão 50-55 • Immanuel Kant 164-171 • Søren Kierkegaard 194-195 • Albert Camus 284-285 • Michel Foucault 302-303 • Jacques Derrida 308-313

sabedoria com o resto da humanidade.

No caminho para a cidade, ao pé da montanha, encontra-se com um velho eremita. Os dois homens já tinham se encontrado, dez anos antes, quando Zaratustra subira para seu retiro. O eremita vê que Zaratustra mudou durante a década que se passou: quando subiu, o eremita diz, Zaratustra carregava cinzas, mas agora, ao descer, está carregando fogo.

Então, o eremita pergunta a Zaratustra por que ele está se dando ao trabalho de compartilhar sua sabedoria. E aconselha Zaratustra a permanecer nas montanhas, advertindo-o que ninguém entenderá sua mensagem. Zaratustra então questiona: o que o eremita faz nas montanhas? O eremita responde que canta, chora, ri, resmunga e louva Deus. Ao ouvir isso, o próprio Zaratustra ri. Deseja boa sorte ao eremita e continua em sua descida da montanha. Enquanto avança, Zaratustra diz para si mesmo: "Como é possível! Esse velho eremita ainda não ouviu falar que Deus está morto".

Super-homem

A ideia da morte de Deus talvez seja a mais famosa de toda a obra do autor. Está intimamente relacionada com a ideia de que o homem é algo a ser superado e com a concepção característica de moralidade de Nietzsche. A relação entre essas coisas torna-se clara quando a história de Zaratustra continua.

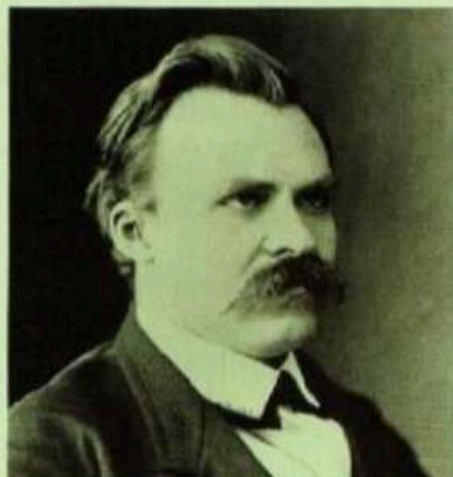
Quando alcança a cidade, Zaratustra vê que há uma multidão em volta de um acrobata prestes a se apresentar na corda bamba. O sábio junta-se ao povo. Antes que o acrobata caminhe pela corda, Zaratustra se levanta e fala: "Vejam, vou ensiná-los o que é o Super-homem!". E prossegue, tentando transmitir à multidão a questão central: "O homem é algo a ser superado..." e Zaratustra continua com um longo discurso. Quando chega ao fim, a multidão apenas ri, imaginando que o profeta é apenas outro artista ou até mesmo que estivesse abrindo o espetáculo do acrobata.

Ao começar o livro dessa forma, Nietzsche pareceu trair sua própria »



O profeta Zoroastro (c. 628-551 a.C.), também conhecido como Zaratustra, fundou uma religião baseada na luta entre bem e mal. O Zaratustra de Nietzsche coloca-se "para além do bem e do mal".

Friedrich Nietzsche



Nietzsche nasceu na Prússia, em 1844, numa família religiosa: pai, tio e avós eram ministros luteranos. Seu pai e seu irmão mais novo morreram quando ele era criança, e Nietzsche cresceu ao lado da mãe, da avó e de duas tias. Aos 24 anos tornou-se professor na Universidade de Basel, onde conheceu o compositor Richard Wagner, que o influenciou fortemente – até o antissemitismo do músico levar Nietzsche a romper a amizade. Em 1870, contraiu difteria e disenteria e, depois disso, passou a sofrer de problemas de saúde. Foi forçado a

deixar o cargo de professor em 1879 e, nos dez anos seguintes, viajou pela Europa. Em 1889, desmaiou na rua quando tentava impedir que um cavalo fosse chicoteado e sofreu alguma forma de colapso mental, do qual nunca se recuperou. Morreu em 1900, aos 56 anos.

Obras-chave

1872 *O nascimento da tragédia*

1883-85 *Assim falou Zoroastro*

1886 *Para além do bem e do mal*

1888 *Crepúsculo dos ídolos*

217 / 353

inquietação com a recepção que sua filosofia mereceria, como se temesse ser visto como um *showman* filosófico sem nada real para dizer. Para evitar cometer o mesmo erro da multidão reunida ao redor de Zaratustra e entender realmente o que Nietzsche diz, é necessário explorar algumas de suas crenças essenciais.

Subvertendo valores antigos

Nietzsche acreditava que certos conceitos tornaram-se indissociavelmente emaranhados: humanidade, moralidade e Deus. Quando seu personagem Zaratustra diz que Deus está morto, não apenas lançou um ataque contra a religião, mas fez algo muito mais audacioso. "Deus", aqui, não significa apenas o deus sobre o qual os filósofos falam ou para o qual os religiosos rezam: ele significa a soma total dos valores mais elevados que podemos ter. A morte de Deus não é apenas a morte de uma deidade. É também a morte de

todos os valores ditos elevados que herdamos.

Um dos objetivos centrais da filosofia de Nietzsche é o que ele chamou de "reavaliação de todos os valores", uma tentativa de questionar todas as maneiras habituais de pensar sobre ética e sobre os sentidos e objetivos da vida. Nietzsche insistiu que, ao fazer isso, estava inaugurando uma filosofia da alegria – que, embora subverta tudo o que imaginamos até agora sobre bem e mal, procura afirmar a vida. Ele defendia que muitas das coisas que pensamos que sejam "boas", são, de fato, maneiras de limitar a (ou afastar as pessoas da) vida.

Podemos pensar que não é "bom" bancar o tolo em público e, assim, resistir ao impulso de dançar alegremente na rua. Podemos acreditar que os desejos da carne são pecaminosos e, então, punirmo-nos quando eles se manifestam. Podemos ficar em empregos tediosos, não porque precisamos, mas porque julgamos nosso dever

atirá-los. Nietzsche quer pôr fim a tais filosofias que negam a vida, de modo que a humanidade possa se ver de maneira diferente.

Blasfemando contra a vida

Depois de proclamar a vinda do Super-homem, Zaratustra passa a condenar a religião. No passado, ele diz, a maior blasfêmia era contra Deus, mas agora a maior blasfêmia é contra a própria vida. Este é o erro que Zaratustra acredita que cometeu na montanha: ao afastar-se do mundo, e ao oferecer orações a um Deus que não está lá, ele pecou contra a vida.

A história por trás dessa morte de Deus, ou da perda da fé em nossos mais elevados valores, é relatada no ensaio de Nietzsche *Como o "mundo verdadeiro" se tornou finalmente fábula*, publicado em *Crepúsculo dos ídolos*. O ensaio tem o subtítulo "História de um erro" – e é a história da filosofia ocidental condensada em uma página. A história começa, diz Nietzsche, com o filósofo grego Platão.



“

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre um abismo.

Friedrich Nietzsche

”

Existindo entre os níveis do animal e do super-homem, a vida humana, diz Nietzsche, é “uma perigosa jornada, um perigoso olhar para trás, um perigoso tremer e parar”.

O mundo real

Platão dividiu o mundo em um mundo "aparente", que se revela a nós por meio de nossos sentidos, e em um mundo "real", que podemos apreender pelo intelecto. Para Platão, o mundo percebido pelos sentidos não é "real", porque mutável e sujeito ao declínio. Platão sugeriu que há também um mundo "real" imutável, permanente, alcançável com o auxílio do intelecto. Essa ideia provém do estudo de matemática de Platão. A forma ou ideia de um triângulo, por exemplo, é eterna e pode ser apreendida pelo intelecto. Sabemos que um triângulo é uma figura de três lados, bidimensional, cujos ângulos somam 180°, e que isso sempre será verdadeiro, esteja alguém pensando sobre ele ou não e por mais que existam triângulos no mundo. Por outro lado, as coisas triangulares existentes no mundo (sanduíches, pirâmides ou formas triangulares desenhadas num quadro negro) só são triangulares na medida em que constituem reflexos da ideia ou forma do triângulo geométrico.

Influenciado pela matemática dessa forma, Platão propôs que o intelecto pode conseguir acesso a um mundo de Formas Ideais, que é permanente e imutável, enquanto os sentidos só têm acesso a um mundo de aparências. Então, por exemplo, se quisermos conhecer a bondade, precisamos ter uma avaliação intelectual da Forma de Bondade, da qual os vários exemplos de bondade no mundo são apenas reflexos. Essa é uma ideia que teve amplas consequências para a nossa compreensão do mundo: como Nietzsche salientou, essa maneira de dividir o mundo transforma o "mundo real" do intelecto no lugar onde residem todos os valores. Em contraste, o "mundo aparente" dos sentidos é transformado num mundo

Algumas religiões e filosofias insistem que um "mundo real" mais importante existe em algum lugar. Nietzsche considera isso um mito que, de modo trágico, nos impede de viver inteiramente agora, neste mundo.



sem importância, em termos relativos.

Valores cristãos

Nietzsche traçou o destino dessa tendência de dividir o mundo em dois e encontrou a mesma ideia dentro do pensamento cristão. Em lugar do "mundo real" das Formas de Platão, o cristianismo sugere "um mundo real" alternativo, um mundo futuro do céu prometido ao virtuoso. Nietzsche acreditava que o cristianismo julga o mundo em que vivemos agora menos real do que o céu, contudo, nessa versão da ideia de "dois mundos", o "mundo real" é atingível, ainda que após a morte e sob a condição de que sigamos as

regras cristãs em vida. O mundo presente é desvalorizado, como em Platão, salvo na medida em que age como degrau para o mundo do além. Nietzsche afirmou que o cristianismo nos pede para negar a vida presente em favor da promessa da vida por vir.

Tanto as versões platônicas quanto cristãs da ideia de divisão do mundo em "real" e "aparente" afetaram profundamente nossas concepções sobre nós mesmos. A sugestão de que tudo de valor está de algum modo "além" do alcance deste mundo leva a um modo de pensar que nega fundamentalmente a vida. Como resultado dessa herança platônica e cristã, fomos levados a considerar o »



mundo em que vivemos como um mundo do qual devemos nos ressentir e desdenhar. Um mundo do qual devemos nos afastar, transcender, e certamente não desfrutar. Mas, ao fazer isso, afastamo-nos da própria vida em favor de um mito ou invenção: um "mundo real" imaginário, situado em outro lugar. Nietzsche chama os sacerdotes de todas as religiões de "pregadores da morte", porque seus ensinamentos nos encorajam a abandonar este mundo e a abandonar a vida pela morte. Mas por que Nietzsche insistiu que Deus está morto? Para responder isso, temos de conferir a obra do filósofo alemão do século XVIII Immanuel Kant, cujas ideias são cruciais para compreender a filosofia por trás da obra de Nietzsche.

Um mundo além do alcance

Kant estava interessado nos limites do conhecimento. Na obra *Crítica da razão pura*, argumentou que não podemos conhecer o mundo como ele é "em si". Não podemos alcançá-lo com o intelecto, como Platão acreditava, nem é prometido a nós como na visão cristã. Ele existe, mas está para sempre fora do alcance. As razões que Kant usou para sugerir essa conclusão são complexas, mas o que importa, do ponto de vista de Nietzsche, é que se o mundo real é considerado absolutamente inatingível – mesmo ao sábio ou ao virtuoso, em vida ou após a morte –, então trata-se de "uma ideia que tornou-se inútil, supérflua". Como resultado, é uma

O **super-homem** é alguém de enorme força e independência, na mente e no corpo. Nietzsche negou que qualquer um tenha existido, mas mencionou Napoleão, Shakespeare e Sócrates como modelos.

ideia a ser posta de lado. Se Deus está morto, Nietzsche topou com o cadáver, mas são as impressões digitais de Kant que estão na arma do deicídio.

O erro mais duradouro

Uma vez que renunciarmos à ideia do "mundo real", a distinção duradoura entre "mundo real" e "mundo aparente" começará a sucumbir. Em *Como o "mundo verdadeiro" se tornou finalmente fábula*, Nietzsche foi adiante para explicar isso da seguinte maneira: "Abolimos o mundo real – que mundo restou? O mundo aparente, talvez?... Mas não! Com o mundo real também abolimos o mundo aparente". Nietzsche via, então, o início do fim do "erro mais duradouro" da filosofia: sua fascinação pela distinção entre "aparência" e "realidade", pela ideia de dois mundos. O fim desse erro, Nietzsche escreveu, é o zênite de toda humanidade. É nesse ponto – em um ensaio escrito seis anos depois de *Assim falou Zaratustra* – que Nietzsche elaborou "Zaratustra começa".

Esse é um momento-chave para Nietzsche, porque quando apreendemos o fato de que existe apenas um mundo, subitamente verificamos o erro de transferir todos os valores para além desse mundo. Somos, então, forçados a reconsiderar nossos valores, até mesmo o significado do que é ser humano. E, quando olhamos através dessas ilusões filosóficas, a antiga ideia de "homem" pode ser superada. O super-homem, na visão de Nietzsche, é um modo de ser que

fundamentalmente afirma a vida. É alguém que pode se tornar o portador de sentido não no mundo do além, mas aqui: o super-homem é "o sentido da Terra".

Criando a nós mesmos

Nietzsche não alcançou em vida um grande público para seus textos. Tanto que teve de pagar pela publicação da parte final de *Assim falou Zaratustra*. Contudo, cerca de trinta anos após sua morte, em 1900, o conceito de super-homem entrou na retórica do nazismo através das leituras de Nietzsche por Hitler. As ideias de Nietzsche sobre o tema, e particularmente sua convocação para a erradicação da moralidade judaico-cristã que dominava a Europa, soaram para Hitler como validação de seus próprios objetivos. Mas, ao passo que Nietzsche buscava um retorno aos valores mais rústicos e estimulantes da vida da Europa pagã, Hitler manipulou seus textos como pretexto para a violência desenfreada em larga escala.

O consenso entre os estudiosos é que o próprio Nietzsche teria ficado horrorizado com essa distorção. Escrevendo numa época de extraordinário nacionalismo, patriotismo e expansão colonial, Nietzsche havia sido um dos poucos pensadores a desafiar tais pretensões. Em certo ponto de *Assim falou Zaratustra*, ele deixou claro que considerava o nacionalismo uma forma de alienação ou fracasso. "Apenas onde o Estado termina", Zaratustra disse, "começa o ser humano que não é supérfluo."

A noção de Nietzsche acerca da ilimitada possibilidade humana foi importante para muitos filósofos depois da Segunda Guerra Mundial. Suas ideias sobre a religião e a importância da autoavaliação ecoaram especialmente nas obras dos existencialistas subsequentes, como Jean-Paul Sartre. Como o super-homem de Nietzsche, Sartre disse que cada um de nós deve definir o significado de nossa existência. As críticas de Nietzsche

“

O grau de introspecção alcançado por Nietzsche nunca foi atingido por ninguém.
Sigmund Freud

”

contra a tradição filosófica ocidental tiveram enorme impacto não apenas na filosofia, mas também na cultura europeia e mundial, influenciando incontáveis artistas e escritores no século XX. ■

Os textos de Nietzsche foram editados e censurados por sua irmã antisemita Elizabeth, que assumiu o controle de seus arquivos depois que ele enlouqueceu. Isso permitiu aos nazistas distorcê-los intencionalmente.



SOMENTE COMO INDIVÍDUO UM HOMEM PODE SE TORNAR FILÓSOFO

KARL JASPERS (1883-1969)

EM CONTEXTO

ÁREA

Epistemologia

ABORDAGEM

Existencialismo

ANTES

1800 Søren Kierkegaard escreve sobre a filosofia como uma questão de luta do indivíduo com a verdade.

1880 Friedrich Nietzsche diz que "Deus está morto", que não existem verdades absolutas e que devemos repensar nossos valores.

1920 Martin Heidegger afirma que a filosofia é uma questão acerca de nossa relação com a nossa existência.

DEPOIS

A partir de 1940 As ideias de liberdade de Hannah Arendt são influenciadas pela filosofia de Jaspers.

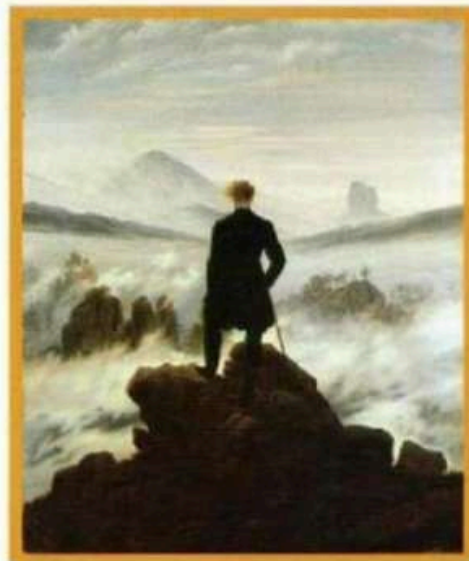
A partir de 1950 Hans-Georg Gadamer explora a ideia de que a filosofia progride por meio de uma fusão de perspectivas individuais.

Para alguns, a filosofia é um meio de descobrir verdades objetivas sobre o mundo. Para o filósofo e psiquiatra alemão Karl Jaspers, por outro lado, a filosofia é uma luta pessoal. Fortemente influenciado pelos filósofos Kierkegaard e Nietzsche, Jaspers é um existencialista que sugere: a filosofia é uma questão de nossas próprias tentativas para compreender a verdade. Já que a filosofia é uma luta individual – escreveu ele em 1941 no ensaio *Sobre minha filosofia* –, podemos

filosofar apenas enquanto indivíduos. Não podemos depender de ninguém que nos diga a verdade: devemos descobri-la por meio de nosso próprio esforço.

Comunidade de indivíduos

Embora nesse sentido a verdade seja algo que compreendemos sozinhos, é na comunicação com os outros que compreendemos os frutos do nosso esforço e elevamos a consciência para além de seus limites. Jaspers considerou sua própria filosofia "verdadeira" apenas na medida em que ela auxilia na comunicação com os outros. E, embora as outras pessoas não possam nos dar qualquer forma de "verdade pronta", a filosofia permanece um esforço coletivo. Para Jaspers, cada busca individual pela verdade é realizada em comunidade com todos os "companheiros de pensamento" que passaram pela mesma luta pessoal. ■



O filósofo vive no reino invisível do espírito, em busca da verdade. As ideias de seus colegas filósofos atuam como placas indicativas de trilhas potenciais para a compreensão.

Ver também: Søren Kierkegaard 194-195 • Friedrich Nietzsche 214-221 • Martin Heidegger 252-255 • Hans-Georg Gadamer 260-261 • Hannah Arendt 272



A VIDA É UMA SÉRIE DE COLISÕES COM O FUTURO

JOSÉ ORTEGA Y GASSET (1883-1955)

EM CONTEXTO

ÁREA
Ontologia

ABORDAGEM
Existencialismo

ANTES

1641 Em *Meditações*, René Descartes argumenta que existem dois mundos: o da mente e o da matéria.

Início de 1900 Edmund Husserl estabelece a fenomenologia. Ele afirma que os filósofos devem olhar para o mundo de outra forma, deixando todas as concepções de lado.

DEPOIS

1920 Martin Heidegger explora a questão sobre o que a existência significa para nós, citando Ortega como influência.

A partir de 1930 A filosofia de Ortega torna-se popular na Espanha e na América Latina, influenciando os filósofos Xavier Zubiri, José Gaos, Ignacio Ellacuría e María Zambrano, entre outros.

A filosofia de Ortega y Gasset é sobre a *vida*. Ele não está interessado em analisar o mundo de modo frio e desprendido. Em vez disso, quer explorar como a filosofia pode se engajar criativamente com a vida. A razão, acredita Ortega, não é algo passivo, mas ativo – algo que nos permite entender como lidar com as circunstâncias nas quais nos encontramos e mudar nossas vidas para melhor.

Em *Meditações do Quixote*, publicado em 1914, Ortega escreveu: “Sou eu mesmo e minha circunstância”. Descartes dissera que era impossível imaginar nós mesmos como seres pensantes e ainda duvidar da existência do mundo exterior, incluindo nossos próprios corpos. Mas Ortega afirmou que não faz sentido ver a nós mesmos separados do mundo. Se quisermos pensar seriamente sobre nós mesmos, temos de considerar que estamos sempre imersos em



Ver também: René Descartes 116-123 • Immanuel Kant 164-171 • Edmund Husserl 224-225 • Martin Heidegger 252-255 • Jean-Paul Sartre 268-271

circunstâncias particulares, muitas vezes opressivas e limitadoras. Tais limitações não são apenas do ambiente físico, mas também de nossos pensamentos, que contêm preconceitos, e de nosso comportamento, moldado pelo hábito.

Enquanto muitas pessoas vivem sem refletir sobre a natureza de suas circunstâncias, Ortega disse que os filósofos não só devem se empenhar para entender suas circunstâncias como buscar ativamente mudá-las. De fato, ele afirmou que o dever do filósofo é expor as pressuposições subjacentes a todas as nossas crenças.

A energia da vida

A fim de efetuar essa mudança, Ortega defendeu que os filósofos devem primeiro reconsiderar suas crenças, entender de onde elas vêm e, então, comprometer-se em criar novas possibilidades. A opinião de Ortega tem muito em comum com Edmund Husserl, o pai da fenomenologia, que via a realidade como um processo em evolução no qual o indivíduo e o mundo são dependentes um do outro. Da mesma forma, Ortega afirmou que nascemos num mundo que nos molda,



Todo ato de esperança, como celebrar o Natal no front da Primeira Guerra Mundial, é uma prova de nossa capacidade de superar as circunstâncias. Para Ortega, essa é a "razão vital" em ação.

“

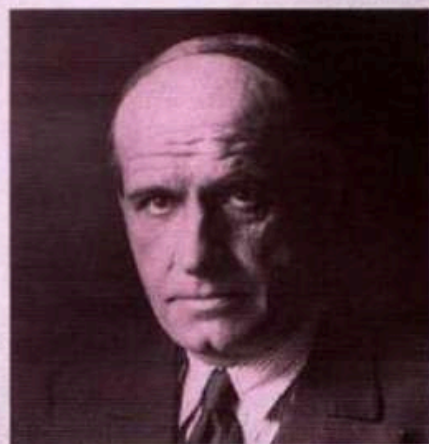
Eu sou eu e minhas
circunstâncias.
José Ortega y Gasset

”

mas que podemos mudar o nosso mundo modificando o modo como o percebemos.

Ortega reconheceu que, não importa o quanto nos liberemos para imaginar novos futuros, a circunstância sempre limitará a extensão da realização desses futuros. A realidade do mundo sempre colidirá com nossos sonhos, mas mesmo assim devemos sonhar em libertar a nós mesmos desde o presente. É por isso que Ortega vê a vida como uma série de colisões com o futuro.

A ideia de Ortega é desafiar as circunstâncias tanto no nível pessoal quanto no político. Ela supõe que toda tentativa de mudança será desafiada, mas que temos o dever de continuar avançando contra as circunstâncias limitadoras. Em *A rebelião das massas*, ele advertiu que a democracia carrega em si a ameaça da tirania pela maioria, e que viver pelo império da maioria – ou “como todo mundo” – é viver sem visão pessoal ou código moral. A menos que nos engajemos criativamente com nossas próprias vidas, dificilmente estaremos vivendo. É por isso que, para Ortega, a razão é vital: ela mantém a energia da vida. ■



José Ortega y Gasset

José Ortega y Gasset nasceu em Madri, Espanha, em 1883. Estudou filosofia na cidade e, depois, em várias universidades alemãs – sendo influenciado pela filosofia de Immanuel Kant –, antes de se estabelecer na Espanha como professor universitário.

Ao longo da vida, ganhou o sustento não apenas como filósofo, mas também como jornalista e ensaísta. Também esteve engajado ativamente na política espanhola nas décadas de 1920 e 1930, mas seu envolvimento chegou ao fim com o início da Guerra Civil Espanhola, em 1936. Ortega, então, exilou-se na Argentina, onde permaneceu até 1945, desiludido com a política. Após três anos em Portugal, retornou a Madri em 1948, onde fundou o Instituto de Humanidades. Continuou trabalhando como filósofo e jornalista pelo resto da vida.

Obras-chave

1914 *Meditações do Quixote*
1925 *A desumanização da arte*
1930 *A rebelião das massas*
1935 *História como sistema*
1957 *O que é a filosofia?*



A LÓGICA É O ÚLTIMO INGREDIENTE CIENTÍFICO DA FILOSOFIA

RUDOLF CARNAP (1891-1970)

EM CONTEXTO

ÁREA
Filosofia da ciência

ABORDAGEM
Positivismo lógico

ANTES
1890 Gottlob Frege começa a explorar as estruturas lógicas da linguagem.

1921 Ludwig Wittgenstein escreve que a filosofia é o estudo dos limites da linguagem.

DEPOIS
1930 Karl Popper propõe que a ciência funcione por meio da falsificabilidade: nenhuma quantidade de demonstrações positivas pode provar que algo é verdadeiro, enquanto somente um resultado negativo confirma que a teoria está incorreta.

1960 Thomas Kuhn explora as dimensões sociais do progresso científico, abalando alguns dos dogmas do positivismo lógico.

Um dos problemas filosóficos do século XX é determinar um papel para a filosofia, dado o sucesso das ciências naturais. Essa é uma das principais preocupações do alemão Rudolf Carnap em *A linguagem física como a linguagem universal da ciência* (1932), que sugere que a função própria da filosofia – e sua contribuição principal para a ciência – é a análise lógica e o esclarecimento de conceitos científicos.

Carnap afirmou que muitos problemas filosóficos aparentemente profundos, como os metafísicos, são sem sentido, porque não podem ser comprovados ou refutados pela experiência. Acrescentou que também são, de fato, pseudoproblemas causados por confusões lógicas no modo como usamos a linguagem.

Linguagem lógica

O positivismo lógico aceita como verdadeiras apenas afirmações estritamente lógicas passíveis de verificação empírica. Para Carnap, o dever real da filosofia é, portanto, a análise lógica da linguagem (a fim de descobrir e excluir aquelas questões

“
Na lógica não
há moral.
Rudolf Carnap
”

que, falando estritamente, não têm sentido) e a descoberta de modos de falar sem ambiguidade sobre as ciências.

Alguns filósofos, como Willard Quine e Karl Popper, argumentaram que os padrões de Carnap para o que pode ser dito significativamente são muito rígidos e apresentam uma visão idealizada, que não se verifica na prática, sobre como a ciência opera. No entanto, segue importante a advertência de Carnap de que a linguagem pode nos levar a enxergar problemas que realmente não existem. ■

Ver também: Gottlob Frege 336 • Ludwig Wittgenstein 246-251 • Karl Popper 262-265 • Willard Van Orman Quine 278-279 • Thomas Kuhn 293